

AS CHAVES HERMENÊUTICAS DA ESCATOLOGIA DE JÜRGEN MOLTSMANN

The hermeneutical keys in Jürgen Moltmann's eschatology

Renan Antunes Vieira Martinelli¹
Adriano de Sousa Lima²

RESUMO

Este artigo trata do tema *As chaves hermenêuticas da Escatologia de Jürgen Moltmann* e tem como objetivo compreender a perspectiva do teólogo alemão no que se refere à sua perspectiva sobre a doutrina das últimas coisas. Qual ou quais são as chaves hermenêuticas da Escatologia segundo Moltmann? Quais termos fundamentais na leitura escatológica desse autor? Moltmann sobreviveu à segunda guerra e escreveu o clássico livro *Teologia da Esperança*, com o propósito de reafirmar, sobretudo, a esperança no Deus de amor. A partir de uma metodologia bibliográfica, os autores concluem que existem quatro termos-chaves fundamentais para a compreensão do pensamento escatológico de Moltmann: promessa, esperança, futuro e história.

Palavras-chave: Jürgen Moltmann. Escatologia. Esperança. História. Promessa.

ABSTRACT

The present article reflects on the *hermeneutical keys in Jürgen Moltmann's eschatology* and aims to understand this German theologian perspective regarding to the Last Things Doctrine. Which are the hermeneutical keys in eschatology according to Moltmann? Which are the fundamental terms in his eschatological reading? Moltmann survived Second World War and wrote his classic *Theology of Hope* with the purpose to reaffirm hope in the God of Love. From a bibliographical methodology, the authors conclude that there are four fundamental key-terms to the understanding of Moltmann's eschatological thought: promise, hope, future, and history.

Keywords: Jürgen Moltmann. Eschatology. Hope. History. Promise.

¹ Graduando em teologia pela FABAPAR. E-mail: renanantunes15@hotmail.com.

² Doutor em Teologia pela PUC-PR. Professor no Centro Universitário Internacional – UNINTER, na Faculdade Batista do Paraná (FABAPAR) e na Faculdade Cristã de Curitiba.



INTRODUÇÃO

Jürgen Moltmann sobreviveu a guerra, não a uma guerra apenas, mas as crueldades da segunda guerra mundial. Após sua prisão, a leitura dos salmos o ajudou a manter-se firme e em Deus ele encontrou a força e voltou a ter esperança.³ Moltmann se levantou como uma voz em meio ao pós-guerra pronto a fazer se compreender que a esperança para o mundo se encontrava em Deus e na sua promessa, está nos traís a esperança que nos impulsiona a viver. O objetivo que se é pretendido alcançar com o presente artigo é compreender quais são as chaves hermenêuticas por traís do pensamento escatológico que surge a partir dessas reflexões teológicas de Moltmann.

1. ESCATOLOGIA

A primeira pergunta que se faz necessário compreender para se chegar as respostas finais que este artigo almeja dar é: O que é escatologia? Pode-se adiantar que escatologia é um termo relativamente novo inventada pelos teólogos e que começou a ser utilizada a cerca de 140 anos (CULVER, 2012, p. 1322). Severa vai dizer que: “A palavra “escatologia” vem de duas palavras gregas: *eschatos* (último) e *logos* (estudo), e significa estudo das últimas coisas.” (SEVERA, 2014, p. 345) Wayne Grudem vai seguir a mesma definição: “O estudo da escatologia, portanto, é o estudo das últimas coisas.” (GRUDEM, 2001 p, 471) Pode-se compreender então que a escatologia vai estudar coisas referente a acontecimentos futuros, distantes ou não, no sentido temporal, mas que é revelado ao homem segundo as sagradas escrituras ocupando normalmente no estudo teológico a posição de estudo final. Porém na visão de Jürgen Moltmann a escatologia pula

³ A leitura dos Salmos o fez progressivamente encontrar a fé cristã ao ponto de afirmar mais tarde que foi Deus quem o escolheu e não ele escolheu a Deus. MOLTSMANN, 2008, p. 12, apud, GONÇALVES, 2015, p. 36



todas as demais áreas do estudo e passa a ser a primeira matéria a ser estudada. Moltmann diz assim sobre a compreensão histórica da escatologia:

Por muito tempo a escatologia era “a doutrina das últimas coisas”, ou a “doutrina do eschaton”. Com a expressão últimas coisas se entendiam eventos que irromperiam, no fim dos tempos, por sobre o mundo, a história e os homens. Entre esses acontecimentos se contava a volta de Cristo em glória, o juízo universal e a consumação do Reino, a ressurreição universal dos mortos e a nova criação de todas as coisas. (MOLTMANN, 1971, p. 1)

Para Moltmann o fato desses acontecimentos serem adiados até o último dia leva a perda de sua significação orientadora, animadora e crítica para os tempos passados antes do fim, no decorrer da história. (MOLTMANN, 1971, p. 1) Em sua compreensão:

O escatológico não é algo que adere ao Cristianismo, mas é simplesmente o meio em que se move a fé cristã, aquilo que dá o tom a tudo que há nele, as cores da aurora de um novo dia esperado, que banham tudo que existe. De fato, a fé cristã vive da Ressurreição do Cristo crucificado e se estende em direção às promessas do retorno universal e glorioso de Cristo. (MOLTMANN, 1971, p. 2)

O teólogo brasileiro Alonso Gonçalves vai nos dizer que:

Moltmann será o responsável por colocar a escatologia em lugar de destaque. Ele não concebe uma escatologia histórico-salvífica apenas, ou a uma escatologia transcendental ou existencial. Para ele a escatologia está diretamente ligada a promessa de Deus. (GONÇALVES, 2015, p. 56)

Porém o próprio Moltmann coloca essa responsabilidade sobre os ombros dos fundadores da teologia dialética ao dizer:



Depois da primeira guerra mundial os fundadores da teologia dialética colocaram a escatologia – deixada na sombra pelos ideais do liberalismo e tornada inócua – no centro mesmo de seus trabalhos, não só exegéticos, mas também dogmáticos. Na segunda edição do *Roemerbrief* de Karl Barth, em 1922, encontramos a afirmação programática: “O Cristianismo que não for inteira e totalmente escatologia, nada absolutamente tem a ver com Cristo.” (MOLTMANN, 1971, p. 30)

Moltmann teve uma cosmovisão a frente do seu tempo e conseguiu, de maneira brilhante, fazer uma leitura do momento histórico que vivenciava, além de conseguir ler da maneira perspicaz os pensadores do seu tempo. Pode-se notar em sua forma de argumentar a escatologia um desejo profundo de compreender o Reino de Deus e sua consumação escatológica, mas não sem um olhar profundo e coerente da história. Moltmann comenta em sua obra *A Vinda de Deus Escatologia Cristã*:

De acordo com Albert Schweitzer, a “escatologia consequente” de Jesus, isto é, a sua expectativa eminente do reino de Deus, foi triturada pela roda muda do destino da história em curso constante. Após a catástrofe da história cristã na Primeira Guerra Mundial, surgiu uma compreensão completamente nova da escatologia na assim chamada “teologia da crise” de Karl Barth e Rudolf Bultmann, e, independente destes, também em Paul Althaus. Não é a história seguindo o seu curso, muda e inevitável, que faz com que qualquer expectativa escatológica quanto ao futuro entre numa crise danosa, mas é a eternidade rompendo do transcendente que provoca a crise definitiva de qualquer história humana. Não é a história que acaba com a escatologia, e sim a escatologia com a história. (MOLTMANN, 2003, p. 29,30)

Vemos que ele pensa a escatologia como, por assim dizer, superior a história, a história não culmina ou leva a escatologia, mas a escatologia direciona e dá sentido a história e é esse fato escatológico que leva, de qualquer maneira, a crise na história humana, afinal, a escatologia não é o fim histórico da linha temporal humana, mas sim a eternidade em si, e se é a eternidade em si, então cada momento é último e cada segundo é em si



escatológico, pois não é um sentido temporal, mas, de certa maneira, metafísico. “Então ao proclamar a “proximidade” do reino de Deus, Jesus não olha para o futuro temporal, mas para o céu presente. O reino não “vem” do futuro para o presente, mas do céu para terra, como diz o pai-nosso.” (MOLTMANN, 2003, p. 31)

Para Moltmann a escatologia Cristã não estava ligada a mentalidade grega do Logos, mas sim a promessa e a esperança⁴ e essas duas questões serão centrais na forma em que Moltmann olha para a escatologia.

2. PROMESSA E ESPERANÇA

Quanto ao aspecto da promessa e esperança na visão de Moltmann Gonçalves mostra que:

Na sua teologia da esperança, a promessa é vinculada à revelação de Deus. A partir do Antigo Testamento, Moltmann concebe uma relação entre a revelação de Deus e a promessa dele. Para ele, “Deus se revela sob a forma de promessa e pela história da promessa”. Nesse caso, o cristianismo seria uma “religião da promessa”, pois o real fundamento da fé é a promessa. (GONÇALVES, 2015, p. 55)

Moltmann aponta para um caminho onde a escatologia é a promessa de Deus sendo direcionada a ser cumprida.⁵ Moltmann também vê como um outro ponto de partida para sua argumentação a teologia dos Reformadores onde “a fé é sucedida pela promessa e por isso é essencialmente esperança, certeza, confiança no Deus que não mente e que se manterá fiel à palavra

⁴ Enquanto a esperança não penetrar e modificar o pensamento e a ação do homem, ela continuará inútil e ineficaz. Por isso a escatologia cristã deve tentar trazer a esperança para dentro do pensamento do homem e o pensamento para dentro da esperança da fé. MOLTMANN, 1971, p. 23

⁵ A teologia deve ser compreendida escatologicamente, isto é, dentro do horizonte da promessa e da espera pelo futuro da verdade. MOLTMANN, 1971, p. 35



de sua promessa.” (MOLTMANN, 1971, p. 35-36) Esta promessa que é a ressurreição de Cristo por sua vez “ abre o sentido para a história, pela lembrança e pela esperança”. (MOLTMANN, 1971, p. 98-99)

A promessa e a esperança se tornam em Moltmann fatores definitivos não só de sua visão escatológica, mas de sua teologia como todo. Quanto a esperança Moltmann comenta:

Se é a esperança que conserva a fé em vida, a sustenta e impele para frente; se é a esperança que introduz o crente na vida de amor, também deve ser a esperança que mobiliza e impulsiona o pensamento da fé, o conhecimento e a reflexão sobre o ser do homem, da história e da sociedade. O cresce espera conhecer o que crê. Por isso todo o seu conhecimento, como conhecimento antecipatório, fragmentário que prelude o futuro prometido, apoia-se na esperança. Por isso a esperança, por sua vez, abrindo a fé às promessas de Deus, se torna interlocutora do pensamento, impulso inquietude e tormenta da reflexão. Através da esperança que é impulsionada sempre para frente pela promessa de Deus, se descobre a provisoriedade escatológica de qualquer pensamento na história. (MOLTMANN, 1971, p. 23)

Moltmann vê a esperança como o motor que dá força ao pensar e agir dos eleitos de Deus⁶, essa esperança firmada em uma promessa ⁷e alimentada pela fé ⁸renova o homem fazendo-o pensar e agir hoje tendo em vista a luz do futuro prometido e esperado na consumação da história.

⁶ Promessa é o aspecto da aliança em que é instituída a comunidade de Deus e do povo de sua escolha. Neste sentido a promessa se fundamenta na eleição e eleição é sempre um chamado para dentro da história da promessa. MOLTMANN, 1971, p. 136

⁷ A certeza da esperança provém da fidedignidade e da fidelidade do Deus da promessa. MOLTMANN, 1971, p. 135

⁸ Primazia da esperança: a esperança é a esperança da fé. Estruturalmente primeiro vem a fé depois a esperança, embora a fé possa desenvolver-se sem a esperança. Neste sentido a esperança é o companheiro inseparável da fé e entrega à fé o horizonte do futuro em Cristo. “Na vida cristã, a prioridade pertence a fé, mas o primado à esperança. ” (MOLTMANN, 2003, p. 27). GONÇALVES, 2015, p. 11



Moltmann vê como relevante o papel da igreja na propagação da esperança e da promessa. Pois “uma vez chamada para alimentar a esperança do mundo, a igreja é a presença do reino de Deus e o seu Espírito é o renovador deste processo. (GONÇALVES, 2015, p. 42)

Moltmann vê o próprio Cristo como um cumprimento e fator de esperança na promessa, afinal, “no evangelho do evento de Cristo tornou-se presente o futuro das promessas a respeito de Cristo.”(MOLTSMANN, 2003, p. 167) Assim sendo a promessa é o próprio Cristo e a esperança está nEle. A promessa, sendo algo que está enraizada profundamente no próprio Deus, é mais do que fundamento sólido para a esperança, pois, “Deus é reconhecido como aquele que promete e cuja fidelidade garante o cumprimento.” (MOLTSMANN, 2003, p. 173)

Moltmann tira como base o pensamento de Karl Barth, ele argumenta:

Conforme Karl Barth o futuro de Cristo trata principalmente de uma descoberta, de uma revelação. “O retorno de Cristo... é designado no Novo Testamento como revelação. Não só será manifesto à Igreja, mas a todos, como aquele que ele é... Em plena caridade e publicidade o “esta consumado” será trazido à luz do dia... O que trará o futuro? Não uma nova era da história, mas a revelação daquilo que é. É futuro, mas o futuro daquilo que a Igreja se recorda daquilo que uma vez para sempre já aconteceu. O Alfa e o Ômega são a mesma coisa. (MOLTSMANN, 2003, p. 269,270 apud, BARTH, 1947, p.158)

Ele complementa esse pensamento com o de outro autor, Walter Kreck ao citar:

De modo semelhante diz Walter Kreck: “É a vinda do Senhor (que é esperada), do Senhor cuja vinda no passado foi pregada e crida. O cumprimento não pode, no fundo, ser coisa diferente do que a manifestação daquilo que já é realidade em Jesus Cristo, e esta manifestação é ainda



entrevista e esperada como sendo uma coisa futura. (MOLTMANN, 2003, p. 270 apud, KRECK, *Die Zukunft des Gekommenen*, 1961, p.100)

Moltmann termina argumentando em conjunto com os dois autores, ele diz: “Aqui mas claramente que em Karl Barth, se entende a revelação como promessa, e a revelação de Cristo é também concebida como cumprimento da promessa de Cristo.” (MOLTMANN, 2003, p. 270)

Assim vê-se na correlação promessa-esperança Cristo em todos os sentidos, pois ele é a manifestação da promessa e também o seu cumprimento final. Nele se encontram tanto a promessa como a esperança. Assim sendo, o cristão não espera ao acaso, a sua esperança não está no desconhecido ou no futuro por si só, a esperança do cristão está no passado no presente e no futuro, está no Alfa e no Ômega, no início e no fim, pois a esperança está na promessa e ambas são a mesma coisa, afinal ambas partem do mesmo ponto, Cristo Jesus que morreu na cruz e ressuscitou no terceiro dia cumprindo-se ali uma parte da promessa e revelando-se ali a totalidade da promessa. “A promessa liga o homem ao futuro e lhe abre o sentido para a história.” (MOLTMANN, 2003, p. 124)

3. FUTURO E HISTÓRIA

A história e o futuro são elementos de real importância para se compreender a teologia na visão de Moltmann. Gonçalves mostra essa verdade em relação ao futuro ao afirmar: “Escatológico em Moltmann é sinônimo de futuro universal e radical.” (GONÇALVES, 2015, p. 12) Gonçalves também mostra como o futuro e a esperança caminham juntos em Moltmann ao apontar que:

Jesus com sua missão e os desdobramentos da ressurreição, trouxe o reino de Deus para a história, sendo assim a igreja é sua antecipação, ou seja, é a experiência



dinâmica do reino de Deus. A esperança do futuro reino de Deus é tarefa da igreja quando assume concretamente a sociedade em que está inserida dando um horizonte de esperança, justiça, vida e humanidade. (GONÇALVES, 2015, p. 20)

O futuro e a história caminham lado a lado pois ambos estão ligados a esperança que se encontra em Cristo. O futuro trará o cumprimento das promessas que ainda estão por vim, como a volta de Cristo, porém a história mostra o quanto Deus é fiel ao mostrar o cumprimento e diversas promessas que já foram realizadas. O próprio Jesus Cristo é o ato do cumprimento de uma promessa. O futuro e a história inflamam o homem a viver sob essa esperança. Moltmann comenta:

A experiência da realidade como história se tornava possível para Israel pelo fato de que Deus se lhe tornou manifesto nas suas promessas, e Israel entendia a revelação de Deus sempre de novo como comunicação de promessas. (MOLTMANN, 1971, p. 118)

Em todo Antigo Testamento vê-se por diversas vezes profetas revelando os desígnios de Deus e as suas promessas se cumprido, acompanhada do relato. E isto aconteceu para se cumprir o que foi dito. Um exemplo desta verdade pode-se ver no livro de 2 Reis 9.30-37 no relato da morte da rainha Jezabel. Versículos 35 e 36:

Mas, quando foram sepultá-la, só encontraram o crânio, os pés e as mãos. Então voltaram e contaram tudo isso a Jeú, que disse: “Cumriu-se a palavra do Senhor anunciada por meio do seu servo Elias, o tesbita; Num terreno em Jezreel cães devorarão a carne de Jezabel”. (BÍBLIA DE ESTUDO NVI, 2003, p. 599-600).

Se vê que na história Deus fortalece a fé do homem através do cumprimento de suas promessas e essa fé fortalecida com o cumprimento das promessas já passadas o impulsiona a esperança



do cumprimento das promessas que ainda estão por se cumprir. Moltmann comenta:

Não só as palavras da promessa, mas os próprios acontecimentos, na medida em que, dentro do horizonte da promessa e da esperança, são trazidos à consciência como acontecimentos históricos, mostram em si algo que ainda está ausente, inacabado e não realizado. Então tudo permanece em movimento; as coisas nunca acabam, e depois do cumprimento surge sempre de novo a promessa de coisas maiores. (MOLTMANN, 2003, p. 127)

Assim pode-se entender que o futuro reflete a história e a história aponta para o futuro que é a promessa. Gonçalves fala que; O futuro para Moltmann é a abertura para a possibilidade da construção histórica, ou seja, “esperança é uma abertura radical à irrupção do futuro de Deus”. (GONÇALVES, 2015, p.56) E ele completa ao citar Pires: “A teologia da história em Moltmann parte da ideia de que a história só pode ser considerada significativa quando nela se encontra algo que aponte para o futuro.” (PIRES, 2007, p.76, apud GONÇALVES, 2015, p.57)

Moltmann enxerga uma perfeita relação das ideias de futuro e história frente as promessas de Deus, ele comenta:

As promessas de Deus abrem os horizontes da história, entendendo-se por “horizonte”, conforme feliz formula de H. G. Gadamer, “ausência de limites fixos”, algo para qual entramos e que caminha conosco. (MOLTMANN, 2003, p.128)

Tudo está relacionado, afinal, a história é um guia ao futuro e o futuro leva ao cumprimento das promessas que por sinal são os alicerces que dão esperança aos eleitos de Deus.

Moltmann entende a história como sendo no fundo uma filosofia da crise, onde a experiencia do novo está sempre em conflito com as tradições, causando experiencias, para o bem ou para o mau, que vai influenciando a todo momento a própria



história como um todo. Sempre que o futuro é incerto ao homem ele recorre a história, ela é como uma bússola onde ele busca se direcionar, pois o homem tem em si uma necessidade de compreender a história. Toda crise vai gerar dúvidas quanto o futuro e em meio a essas dúvidas fica-se claro a necessidade de conhecer o passado para achar soluções. E aí entra-se no tempo, ferramenta de total relevância para se compreender a história, pois é graça a compreensão do tempo, de que temos tempo, mas que o tempo acaba é que entendemos a esperança na vinda do futuro de Deus.

CONCLUSÃO

Moltmann elevou de certo modo a importância da escatologia no pensamento teológico, antes dele essa temática não era colocada em posição elevada entre as temáticas dos estudos teológicos. Gonçalves afirma:

Moltmann será o responsável por colocar a escatologia em lugar de destaque. Ele não concebe uma escatologia histórico-salvífica apenas, ou uma escatologia transcendental ou existencial. Para ele a escatologia está diretamente ligada a promessa de Deus. (GONÇALVES, 2015, p. 56)

Moltmann coloca a escatologia como a primeira questão teológica, pois entende que o futuro é o principal problema do cristianismo. É para o futuro que ele se movo, para a consumação dos séculos. Assim sendo, se entende como chave hermenêutica da escatologia em Moltmann a história⁹. Porém esta não é a chave principal. Esperança, promessa e futuro ocupam este lugar.¹⁰

⁹ A escatologia está atrelada a concepção de história em Moltmann. Nesse caso, a história é um dos temas da reflexão teológica moltmanniana. GONÇALVES, 2015, p.56

¹⁰ Na hermenêutica da esperança a promessa e o futuro estão interligados e, nesse sentido, a promessa atrai o ser humano dentro de sua própria história pela esperança que nasce dela mesma, modelando sua existência de acordo com a direção apontada por ela própria. PIRES, 2017, p. 101, apud GONÇALVES, 2015, p. 56



Comenta Gonçalves que “O binômio, promessa-esperança, é uma importante chave hermenêutica na teologia moltmanniana”. (GONÇALVES, 2015, p. 55).

Para Moltmann, é o futuro que determina o presente. (GONÇALVES, 2015, p. 55) Moltmann vê na esperança da promessa futura um motivador real para a vida do presente que nos faz reagir ao mundo ao redor fazendo com que o homem seja agentes da esperança em meio a uma sociedade sem esperança.

Em toda sua teologia escatológica os elementos esperança, promessa, futuro e história irão dialogar e se completar para formar todo seu entender escatológico e formarem em sua escatologia chaves da hermenêutica da esperança em meio a teologia escatológica moltmanniana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA DE ESTUDO NVI. Organizador Geral Kenneth Barker; Coorganizadores Donald Burdick... [et al.]. São Paulo: Editora Vida, 2003

CULVER, Robert Duncan. **Teologia Sistemática: bíblica e histórica,** São Paulo: Shedd Publicações, 2012.

GONÇALVES, Alonso S. **Por uma Igreja Aberta – A Ecclesiologia de Jürgen Moltmann e o protestantismo brasileiro,** São Paulo: Editora Reflexão, 2015.

GRUDEM, Wayne A. **Manual de Teologia Sistemática:** uma introdução aos ensinamentos fundamentais da fé cristã. São Paulo: Editora Vida, 2001.

MOLTMANN, Jürgen. **A Vinda de Deus Escatologia Cristã.** São Leopoldo, 2003.

MOLTMANN, Jürgen. **Teologia da Esperança.** São Paulo: Editora Herder, 1971.



MOLTMANN, Jürgen. **Teologia da Esperança**: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã. São Paulo: Editora Teológica, 2003.

SEVERA, Zacarias de Aguiar. **Manual de Teologia Sistemática**. Curitiba: A.D. Santos Editora, 2014.

